

Idéias em Debate



PERIGO: “OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO”¹

Marcio Gomes de Sá*

A Antes de tudo é preciso aqui, logo de início, registrar meus sinceros agradecimentos ao professor Marcelo Vieira por ter aceito o convite da O&S ao comentário de *Os "sentidos" na pesquisa acadêmica*. É com imensa satisfação e respeito que reavivo hoje, neste precioso fórum, *Idéias em Debate*, que outrora se davam em sala de aula, em estimulantes embates professor-aluno (de significância inestimável para minha formação).

Precisarei, também, para que o leitor possa melhor compreender esta tréplica, recuperar trechos que, em minha concepção, podem sintetizar principais críticas e comentários apresentados em sua réplica, *Sense and Sensibility: a ação político-educacional-cultural*. Prefiro assim fazer uma vez que, ao reescrevê-los, poderia incorrer no erro de trair o dito em prol de meus argumentos. Aqui, acolá também se fará necessário recuperar trechos do texto que dá origem a estas réplica e tréplica.

Dito isso, logo no primeiro parágrafo do texto supracitado surge um ponto importante a ser devidamente esclarecido¹. Apesar de ter recorrido em meu argumento à diferenciação entre as ciências exatas e sociais, é preciso deixar claro que até mesmo nas primeiras o paradigma positivista é passível de fortes críticas². Ou seja, não colocaria a questão nos termos que o Prof. Marcelo o faz, “*o que é verdadeiro para as ciências duras não o é para as moles*”, e sim que a ciência em sua concepção moderna hegemônica (racionalista-cartesiana e positivista) torna-se cada vez mais insustentável. Nessa perspectiva, até as bases nas quais foram construídos muitos teoremas de razão “indubitável” das ciências exatas merecem questionamentos e reflexões profundas. Assim, aqui é feita uma crítica explícita a esse modelo, tendo em vista que a pregada isenção e imparcialidade em prol de uma suposta verdade absoluta é uma ingenuidade cientificista, ou mesmo, uma grande falácia.

Voltando-me às críticas à reflexão propriamente ditas, essas são apresentadas em dois conjuntos argumentativos. O primeiro, denominado pelo comentador de “*natureza técnico-conceitual*”; e o segundo, que ousou denominar, com base no título do comentário, de “*crítica política-educacional-cultural*”. O primeiro – e mais breve – refere-se diretamente ao escopo do debate proposto na reflexão inicial, repito: “*Mas o que há, de fato, em comum entre sentidos humanos e investigação científica? O que podemos aprender com esta analogia?*” Já o segundo vincula-se a

*Prof. UFMA

¹ Onde lê-se: “Desde meados dos anos 90 a pesquisa científica positivista tem sofrido uma série crescente de ataques por parte de autores das áreas de ciências sociais e sociais aplicadas. As críticas ao positivismo estão fundamentadas no argumento central de que o que é verdadeiro para as ciências chamadas ‘duras’ (ou exatas) não o é para as ‘moles’ (ou ciências sociais). O texto de Márcio Sá insere-se nesse contexto sendo, portanto, atual”. Entretanto, somente a título de exemplo, um texto clássico como *A Imaginação Sociológica* de C. Wright Mills (citado e referenciado em *Os “sentidos” da pesquisa acadêmica*, em sua edição de 1982) tem publicação original datada de 1959 (cf. Mills, C. Wright, “C. Wright Mills’ HomePage,” editado por Frank W. Elwell, 2001. Disponível em: <http://www.faculty.rsu.edu/~felwell/Theorists/Mills/index.htm>. Acesso em: 1/05/2006). Ou seja, desde bem antes dos anos 90 a ciência positivista já vem sofrendo “crescentes ataques” nas ciências sociais. Esclareço esta minúcia para afirmar que não considero, pela razão acima apresentada, meu texto “atual”. Não por isso.

² Aqui, a título de ilustração, penso em dois respeitadores acadêmicos (e suas obras) contemporâneos, Bruno Latour (*A esperança de Pandora*) e Boaventura de Souza Santos (*A crítica da razão indolente*).

uma discussão mais ampla que em muito extrapola o âmbito da questão – e que ocupa maior parte da réplica. Ou seja, aqui registro a sugestão tanto ao próprio professor Marcelo Vieira quanto ao editor de *O&S* que a estendam em próximas *Idéias em Debate*³. Entretanto, não deixarei de, aqui, comentá-las uma vez que são colocadas como ressalvas a um possível “epifenômeno” resultante da “perigosa” analogia-reflexiva entre os sentidos humanos e a *práxis* da pesquisa científica.

Mesmo tendo apontado logo no início de *Os “sentidos” na pesquisa acadêmica* que “... as palavras seguintes apenas têm como inspiração nossas funções sensoriais. Anseiam, por meio de analogias, provocar reflexões sobre a atividade da pesquisa em ciências sociais. De antemão, o erro da interpretação literal é advertido”, uma vez que parti da idéia de que os sentidos humanos possibilitam reflexões sobre a *práxis* científica, creio terem sido estas tomadas literalmente em *Sense and Sensibility*... Logo, o texto se constrói em linguagem conotativa⁴ sendo a argumento implícito e, por vezes, até explícito, sem, no entanto, descaracterizar sua conotação original.

Muito embora não anseie, aqui, censurar o comentário por isso, afinal, esta é uma possível leitura e, se radicalmente discutida, creio ser relevante, todavia, é preciso então circunscrever novamente a discussão, tal e qual foi comentada, para que me seja possível um contra-argumento. Ou seja, aqui está em discussão a utilização dos sentidos humanos, em termos **denotativos**, na pesquisa acadêmica, uma vez que o comentário enfoca a adequação ou não destes na *práxis* científica nas ciências sociais.

Nesse sentido, resgato abaixo os principais trechos de “*natureza técnico-conceitual*” da réplica, seguidos dos meus comentários sobre os mesmos.

(a) “Do ponto de vista técnico parece-me importante o resgate ou uso mais constante e sem culpa dos sentidos na pesquisa em ciência social. Afinal, nós sentimos o mundo.”

Aqui é reiterado aquilo que pode ser tida como a proposta implícita apresentada anteriormente. Ou seja, o argumento central insinuado em *Os “sentidos” na pesquisa acadêmica* é aceito pelo comentador que, no entanto, expõem suas críticas neste quesito “*técnico*”...

(b) “[...] o autor do texto que originou esta réplica poderia ter mencionado mais explicitamente em que tipo de pesquisa os sentidos podem ser usados de forma mais intensa, de que maneira e quais as implicações disso para o conhecimento.”

Ainda que aqui reitere o caráter analógico-reflexivo da idéia em debate, de fato, preciso fazer a mea-culpa diante da devida reprimenda – se, e somente se, a idéia original for tomada literalmente. Sendo assim, penso serem os sentidos passíveis de uma utilização “*mais intensa*” nas abordagens interpretativas inspiradas em premissas etnográficas, como apontado na réplica, em estratégias investigativas orientadas pela Sociologia do Cotidiano⁵ ou mesmo pela Etnometodologia. No entanto, não concordo com a colocação seguinte.

(c) “O uso dos sentidos só é possível, entretanto, com a convivência cotidiana com o objeto de estudo, num processo de imersão social.”

³ Na verdade, por impulso, acabei por fazê-lo já aqui mesmo nesta tréplica. Ao leitor, que poderá ter certa dificuldade em seguir estes “descaminhos”, peço desculpas e paciência (por ter-me estendido um pouco mais do que devia neste sentido).

⁴ Para que esse ponto fique claro, caso o leitor tenha acesso ao texto objeto da discussão, poderá observar que tive o cuidado em abusar (até excessivamente!) das *aspas*, desde o próprio título, sempre que me refiro a algum dos sentidos em sentido figurado – o que acontece na larga maioria das vezes. Inclusive, na seguinte passagem recuperada do original esta conotação fica clara: “Aqui me liberto dos ‘rigores científicos’ e ‘dou asas’ a reflexões que tomam por base uma ‘analogia sensorial’”.

⁵ Mas, “de que maneira e quais as implicações disso [uso dos sentidos] para o conhecimento”. Não creio ser cabível, nesta tréplica, discorrer especificamente sobre este questionamento. No entanto, o fiz em minha dissertação de mestrado (*Reflexividade e Articulação Empreendedora na Sociedade Contemporânea: podemos fazer diferente? PROPAD/UFPE. Recife-PE, 2005*) que adota como perspectiva metodológica a Sociologia do Cotidiano.

Mesmo reafirmando o que disse anteriormente: "[...] o pesquisador social *tende, ainda mais que outros, a mostrar-se 'gente'.*" Aqui, aponto que o uso dos sentidos é, sim, possível (e desejável) de forma mais ampla na *práxis* científica. A Humanidade precisa de uma ciência real que se compreenda como uma *práxis* humana, que construa saber de forma condizente à nossa realidade (humana) e assim, conseqüentemente, volte-se para as problemáticas amplamente relevantes e inerentes ao nosso tempo, ao mundo que co-habitamos com demais seres e será legado ao futuro. E, sob esse prisma, é inevitável a observância dos sentidos humanos na *práxis* científica nas mais diversas áreas, uma vez que aqueles não podem ser dissociados destas por uma questão demasiadamente simples já apontada anteriormente: "**É ser humano 'sentinte', [o] curioso cientista que pesquisa e sente.**" Não apenas o cientista social como enfatizei outrora, mas, também, os demais. Obviamente, sentidos são fundamentais nos casos supracitados de utilização "*mais intensa*". Entretanto, não são indesejados em demais abordagens, haja vista a inevitabilidade de dissociá-los desse ser que pesquisa, relegando-os apenas a determinadas abordagens e questões específicas em estudo.

Muito embora acredite ser substancialmente importante um maior desenvolvimento desse argumento, creio não ser esta tréplica espaço apropriado para tal, uma vez que ainda devo comentar o segundo conjunto de considerações da réplica. Ou seja, quanto à "crítica político-educacional-cultural".

Aqui, minha proposta de seleção e apresentação de trechos de potencial sintético torna-se árdua, quase inviável, pois é nesse ponto que o texto se estende. Mesmo assim, arrisco sumarizar principais comentários e críticas nos seguintes fragmentos de *Sense and Sensibility...* recuperados e, um a um, comentados.

(d) "[...] o homem que sente é também, e fundamentalmente, um ser político e esta me parece ser a questão central. Nós pensamos o mundo. E ao pensarmos o mundo o definimos e redefinimos."

A característica própria da vida humana em sociedade agrega ao indivíduo uma dimensão política. É justamente esse ser humano que sente e é um ser político-social que faz ciência. Até aqui não vejo incompatibilidades. Estas surgem quando a idéia de que "*pensamos o mundo*" é colocada de forma dissociada do "*sentir o mundo*". Sinto-me obrigado e penso em recuperar o meu ponto de partida, "*nossos sentidos apresentam importância basilar ao pensar científico. É justamente deste ponto que parto nesta 'aventura reflexiva'*". E para sugerir isso, apoieme em argumentos inspiradores de pensadores como Humberto Maturana, Pedro Demo e Antônio Damásio – argumentos esses que não convêm aqui serem retomados. Ou seja, na visão apresentada e defendida anteriormente, o trecho da réplica precisaria ser escrito nos seguintes termos: "Nós sentimos, e indissociavelmente deste sentir, pensamos o mundo. E ao sentirmos e pensarmos o mundo o definimos e redefinimos."

Já numa outra passagem da réplica, lê-se:

(e) "*Suas reflexões acerca do uso dos sentidos na pesquisa acadêmica, entretanto, podem conduzir a uma prática descolada de qualquer projeto coletivo, caso não se tome as devidas precauções.*"

A observância apropriada dos sentidos na pesquisa acadêmica trata-se de uma dimensão da atividade ainda não tão explorada, entretanto, detentora de grande potencial. Como é apontado na réplica, de fato seu uso pode ser "*descolado*" de qualquer projeto coletivo (provoco: e o seu "não uso" também não o seria?). O que se buscou realçar no texto original é que, ao se fazer ciência com sentidos, torna-se possível a construção de um novo paradigma científico já que não mais se luta contra os sentidos (ao se fazer ciência) e sim busca-se desenvolver essa atividade humana tendo em mente nossa condição humana e suas potencialidades ignoradas. "*Devidas precauções*" se fazem necessárias, mas não no sentido indicado no trecho da réplica. A emancipação talvez seja a ânsia humana de maior discussão na filosofia e ciência social contemporânea. Como conquistar esta vitória pessoal, política e social "*descolando*" os sentidos humanos das práticas (também humanas!) não somente na ciência, mas também na sociedade?

As dimensões subjetiva e pessoal **também** se fazem presentes no ser que pesquisa (como apontado inicialmente), o que não implica dizer que outras não sejam relevantes ao também, dialeticamente, constituírem (e seres constituídas por) estas.

(f) *"Para mim não é possível aceitar que nossa atividade fique no plano do egoísmo pessoal, do descobrir inseqüente ou, pior, não reflexivo e acrítico. Os animais também sentem o mundo. Nós o sentimos e o pensamos; e pensamos para agir."*

Esse trecho demonstra, talvez, a maior contundência crítica de toda a réplica. No entanto, vejo *"nossa atividade"* da seguinte forma: quem não consegue aprender a formar o seu próprio pensar (e fazer) estará condenado a fazê-lo sempre da forma que os outros o impõem. Assim, a ciência é a prática de um novo conhecer, um conhecer à maneira do ser humano pesquisador que observa, atua, se envolve e produz conhecimento de forma responsável, com "consciência" (Edgar Morin) desse envolvimento. Experiência e funções sensoriais estão naturalmente inseridas no envolvimento do pesquisador com o que estuda. A razão surge com os sentidos nos seres humanos de forma peculiar e única. É da conjugação destes que o pesquisador é dotado. É, assim, que "pensa para agir" – e não com a fé numa razão magnânima.

Para mim, também não é *"possível aceitar que nossa atividade fique no plano do egoísmo pessoal, do descobrir inseqüente"*. Somente faço ciência por acreditar que, nessa atividade, posso refletir criticamente sobre nossa prática, tempo e sociedade. Posso colocar tais reflexões para escrutínio dos pares. E, principalmente, posso, com visão crítica da realidade, tentar contribuir para as múltiplas transformações (e.g., individuais, sociais, políticas, culturais, econômicas, ecológicas) necessárias se, ainda, almejamos a construção de país e mundo decentes. E mais, acredito que esta deva ser uma preocupação de todos seres humanos emancipados e autônomos (acadêmicos ou não), hoje. Muito embora muito me realize (pessoalmente) em minha profissão, não o faço apenas para o meu prazer e sim por acreditar que há uma missão digna e valorosa nesta prática. O potencial transformador me move. Vejo muito sentido em trabalhar intentando tal transformação. É realizador.

Não obstante tudo que argumente não invalide a observação cuidadosa do Prof. Marcelo, se no campo educacional-cultural, na formação das pessoas, for priorizada e enfocada a geração de cidadãos decentes que trabalham (direta ou indiretamente) para um mundo decente (e aí a discussão vai para um plano macro-estrutural). Ou seja, se observado esse motivo ulterior (transformações cruciais para a constituição de país e mundo cada vez mais decentes) na formação e atuação do pesquisador, não vejo como fazer ciência com sentidos poderia nos levar a um *"egoísmo inseqüente"*. Confesso, sim, que vejo este *"egoísmo inseqüente"* hoje em nossa academia, em disputas e estudos fríveis. E de forma gritante. E isso não acontece devido à observância dos sentidos em nossa atividade científica, muito pelo contrário. Mesmo assim não considero inválida a observação cuidadosa, mas essa me leva a recordar o que me disse, certa vez, um sábio mestre: *"aprender é um risco..."*.

Maior parte do texto do Prof. Marcelo Vieira é dedicada à exposição de suas idéias sobre o que denomina já no título de *"ação político-educacional-cultural"*. Apesar de estarem essas para além da reflexão proposta, e de sua discussão, não poderia deixar de fazer algumas ponderações sobre as mesmas. Ao leitor reitero meu pedido de paciência e faço o convite para que continue a me acompanhar...

Primeiro, como cidadão, fico preocupado com falar-se em *"projeto coletivo"* e não em esferas amplas e abertas de discussão para tal. Fica em aberto o modo de condução desse projeto e o devido papel da academia no mesmo. Parece-me que nós, de fato, temos a verdade absoluta sobre o que, como e quando deve ser feito para a construção de uma sociedade mais justa. Receio bastante idéias totalizantes e resultantes apenas de uma esfera da sociedade, principalmente se esta (a academia) é formada por uma seletíssima parcela do povo de nosso país, e desfruta neste de imagem institucionalizada de "cegos do castelo vivendo na

torre de marfim". Ou seja, corremos o risco de, ao pregar um "projeto coletivo" sem enfatizar a importância de um debate amplo para a constituição de tal projeto, transparecer à sociedade que o que se anseia, de fato, é impor idéias nossas (acadêmicas) de "projeto coletivo". E como esta o receberia? Talvez pensaria ela, "lá vêm os cegos do castelo que vivem na torre de marfim" querendo nos impor sua visão "privilegiada" e condição. E, se mesmo assim esse projeto fosse levado adiante, a desigualdade social continuaria existindo e, mais ainda, a subjugação das camadas populares seria ainda maior uma vez que estariam "sendo emancipadas" por outrem, enquanto o que somente é possível acontecer, em termos de emancipação, é que este outrem desperte neles a ânsia emancipadora e por ela lute **com** eles. Ninguém emancipa ninguém. Emancipação trata-se de um projeto individual e coletivo de um cidadão-grupo-comunidade-sociedade-país-Humanidade que se reconhece como um conjunto "para si". Será que é possível observar isso na sociedade brasileira hoje, ou ao menos temos uma divisão elementar? Fazendo meu termo utilizado pelo sociólogo Jessé Souza, existem "sub-cidadãos" em nosso país e em todo globo, pessoas que têm seus direitos humanos cerceados, jogados na lama, sendo condenados a uma "sub-posição" do que se diz ser "cidadania" em qualquer projeto emancipador. E, "na outra margem do rio", nós que, ao menos na doutrina neo-liberal, somos "cidadãos".

O alerta aqui não é feito no sentido de desvalorizar a importância de discussões e preocupações como estas na academia, muito pelo contrário, pois creio ser esse espaço apropriado e decisivo nestas questões mais amplas. Como jovem e iniciante acadêmico, fico muito feliz em ver nas palavras de um dos mais respeitados pesquisadores da área, anseios e preocupações de mudança social. O aspecto das idéias apresentadas é animador e exemplar no sentido de trazer, cada vez mais, este debate para a academia de Administração. Apenas acrescento que tais anseios e preocupações precisam ser acompanhados de práticas condizentes com as mudanças que tanto precisamos. Práticas com sentido. Afinal, devemos produzir ciência para que, senão para apoiarmos as diversas mudanças que hoje urgem e assim colaborarmos, mesmo que minimamente, na construção de país e mundo decentes para todos?

A proposição final da réplica, abaixo transcrita, leva-me a mais uma reflexão "perigosa" ao final.

(g) *"Para finalizar retomo o ponto de onde parti, qual seja, o perigo implícito, talvez, no texto de Marcio Sá. A questão dos sentidos e sentimentos só é relevante quando sai do plano pessoal (psicológico) e vai para o plano coletivo (sociológico), do ser como ator político que também faz pesquisa."*

Por mais que Psicologia e Sociologia sejam reconhecidamente campos de conhecimento distintos dentro da separação cartesiana realizada na ciência moderna, o plano pessoal e o coletivo estão por demais imbricados numa visão holística de ciência e de mundo⁶.

O sujeito político, sem dúvidas, se constitui por meio de suas interações em sociedade, na medida em que se reconhece como membro de um grupo, detentor de ideais e anseios, em articulação e/ou embate com outros. Mas esse mesmo sujeito político também se constrói numa dialética íntima que o leva, enquanto ser, a se projetar politicamente e "vir a ser" nesta dimensão. Mas nunca, jamais, sem seus sentidos e sentimentos. São estes que se fazem presentes quando o ser político observa sua condição, a compreende e passa a ver a vida de modo diferente, mas sempre utilizando seus sentidos para tal!

⁶ Não poderia deixar de relatar – devido à atualidade de minha vivência (período relativo a 2005.2, mas ministrado no primeiro semestre de 2006, na Universidade Federal do Maranhão, Campus II - Imperatriz) e para ilustrar a proximidade dos campos – que, ao lecionar as disciplinas de Sociologia das Organizações e Psicologia Organizacional para uma mesma turma de graduação em Ciências Contábeis, os debates e reflexões constantemente se aproximavam e se sobrepunham, num salto reflexivo sobre qualquer barreira disciplinar que pudesse vir a existir. Não quero nesse brevíssimo relato omitir a influência decisiva do fato de serem mesmos professor e alunos na natural aproximação dos debates e reflexões, muito menos ser leviano e reduzir a diferença destes saberes, mas apenas ressaltar a intrínseca interdisciplinaridade existente.

Os sentidos humanos na pesquisa podem apoiar o Ser (humano) que pesquisa a melhor compreender aquilo que estuda, sua relevância política e social e, ao mesmo tempo, melhor compreender-se. Nessa trilha, a questão dos sentidos (e sentimentos) não é somente importante quando sai do plano pessoal para o coletivo, mas também mesmo quando se encerra no plano individual, pois traz em si a importância do compreender-se, esclarecer-se! Este é passo fundamental para que o "ser como ator político" nasça, na pesquisa ou para além desta. Em outras palavras, o que quero registrar é que, sob minha perspectiva, a questão dos sentidos não é apenas importante "quando sai do plano pessoal (psicológico) e vai para o plano coletivo (sociológico)", mas sim em todos os sentidos, uma vez que o ser (que pesquisa ou não) precisa vir a sê-lo plenamente antes de desenvolver qualquer atividade (política ou não!).

Foi então que, buscando algo apropriado para o fechamento de um curso de Psicologia Organizacional, deparei-me com a poética de Vinícius de Moraes. Infelizmente não julgo ser adequado recuperar todo seu poema *Operário em construção* (de onde tomei o título desta tréplica emprestado) aqui. Todavia, tomei a liberdade de transcrever um trecho que a mim se mostrou relevante e desperta, por si só, "perigosa" reflexão final.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

REFERÊNCIA

MORAES, Vinícius de. O Operário em construção. In *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.